

## Apontamentos sobre a presença romana no Concelho de Alenquer

MIGUEL COSTA<sup>1</sup> ARQUEÓLOGO

Este texto surge na sequência da comunicação apresentada na “Mesa redonda de “*Olisipo a Ierabriga*” A rede viária romana no Vale do Tejo”. As investigações que tenho efetuado na região de Alenquer, não puderam ser apresentadas de forma desenvolvida nesta comunicação, devido às óbvias limitações do tempo disponível; assim sendo, neste texto, que não está sujeito ao mesmo tipo de limitações, optou-se por expor o tema de uma forma mais desenvolvida.

Esta investigação não pretende inferir acerca da localização de *Ierabriga*, questão já discutida desde a época moderna. Este texto pretende afirmar que a ocupação humana em período romano, no atual território do Concelho de Alenquer<sup>2</sup>, foi muito intensa em época romana. Que houve uma grande ocupação na zona de Paredes-Alenquer; onde são visíveis muitas estruturas, algumas de grande dimensão, que sugerem a existência de um aglomerado urbano bastante importante. Importa referir a excelente localização de Paredes, a cerca de seis quilómetros do Rio Tejo, e com uma ligação fluvial a este rio através do Rio de Alenquer<sup>3</sup>, e a excelente feracidade dos solos que a rodeiam, que na sua maior parte são fertilizados pelas cíclicas inundações do Tejo. Mas não só em Alenquer e na sua cercania os achados romanos são abundantes, sendo de referir a grande quantidade de achados no restante território do concelho.

### A investigação histórica

Os autores Clássicos narram a existência de vários topónimos com uma fonética semelhante. Plínio-o-velho, na sua *História Natural* refere-se a um local de nome *Arabrica*. Por sua vez, na *Geografia* de Ptolomeu aparece o topónimo: *Arabriga*. No *Itinerário* de Antonino é referida a existência de *Jerabrica* ou de *Hierabrica*, local por onde passaria a via XV<sup>4</sup> – de *Olisipo* (Lisboa) a *Bracara* (Braga), e a via XVI<sup>5</sup> – de *Olisipo* a *Emerita Augusta* (Mérida), que divergia da via anterior a partir de *Scallabis* (Santarém). Neste itinerário *Ierabriga* situava-se a XXX milhas de *Olisipo* e a XXXII milhas de *Scallabis*, sendo de notar, que as milhas utilizadas em período romano, tinham uma metrologia diferente das milhas utilizadas atualmente. São vários os topónimos referidos por estes autores, provavelmente os nomes apresentados não se refeririam ao mesmo local. De qualquer forma, o povoado romano que ficaria situado na atual Estremadura deveria chamar-se: *Ierabriga* ou *Lerabriga*. É esta a opinião maioritária entre os investigadores. A possibilidade de *Arabriga* ser uma derivação fonética de *Ierabriga* parece estar fora de questão, porque este local – referido na inscrição da ponte de Alcântara – dever-se-ia situar na região do Douro (ALARCÃO, 1988: 44). Por uma questão de comodidade vou referir-me a este local como *Ierabriga*, apesar de haver um estudo recente de Leonard Churchin (CHURCIN, 2007), publicado na revista *Conimbriga* do ano de 2007, que propõe que *Lerabriga* seja o nome correto deste assentamento. Tenho de referir, que o conhecimento dos locais na antiguidade, e a elaboração de cartas, eram efetuados com base em conhecimentos corográficos não presenciais, isto é, as informações eram prestadas por terceiros, assim sendo a sua precisão não seria a mais conveniente para as inferências que atualmente pretendemos fazer. As cartas antigas também refletem a ana-

morfose deste período, as distâncias são corretas (se as informações forem corretas), mas as orientações são ignoradas ou distorcidas. Constatando estes factos, temos que ser muito prudentes ao utilizarmos este tipo de informações nas nossas investigações atuais.

Diversos autores têm proposto a localização deste núcleo urbano de período romano em Povos, a Norte da atual cidade de Vila Franca de Xira; as primeiras investigações acerca deste local, aí o situavam. Foram André de Resende e Frei Bernardo de Brito os primeiros a propor esta localização. Mais recentemente Jorge de Alarcão e Vasco Mantas<sup>6</sup>, entre outros, propuseram a localização de *Ierabriga* em Paredes – Alenquer, ou mais pormenorizadamente entre: Paredes, Quinta do Bravo e Quinta das Sete Pedras.

Jorge de Alarcão propõe a localização de *Ierabriga* nas imediações de Alenquer (Quinta do Bravo ou Paredes), para este investigador, este importante aglomerado urbano ficaria nos limites Norte da *civitas* de *Olisipo* e no limite Sul da *civitas* de *Scallabis* (ALARCÃO, 1988).

Vasco Mantas (que visualizou este local através da fotografia aérea) identificou um aglomerado urbano com cerca de oito hectares, provavelmente um *vicus*, entre Paredes e a Quinta do Bravo; também admite a “existência de algumas estruturas de assinaláveis dimensões, dificilmente detetáveis no terreno e de acesso não menos complicado” (MANTAS, 1996). Para este investigador, haverá junto a Alenquer: “a importante necrópole de Paredes, parcialmente escavada por Hipólito Cabaço em 1934, e o da Quinta do Bravo, onde se achou o miliário de Adriano (CIL II 4633), sítios que poderão indicar, devido à presença de necrópoles, os limites aproximados da povoação” (MANTAS, 1996a: 581). Na sua opinião existem duas necrópoles (a de Paredes e a da Quinta do Bravo). Hipótese que investiguei, mas que penso não se confirmar. Não são visíveis os vestígios de duas necrópoles, as fontes orais só referem a necrópole da Quinta do Bravo. E Maria Amélia Horta Pereira, que fez um estudo aprofundado do espólio exumado da necrópole das Paredes, refere-se à sua localização da seguinte forma: “entre Paredes e Sete Pedras” (PEREIRA, 1970: 45); que é precisamente a localização da Quinta do Bravo. Possivelmente, e apesar de surgirem os topónimos: Paredes e Quinta do Bravo, a indicar a presença de necrópoles, estamos a referir-nos ao mesmo local. Há outra epígrafe funerária na Vila de Alenquer, esta apareceu na Igreja de Triana, também aqui poderia haver uma necrópole de período romano, ou então, esta epígrafe ter sido transportada a partir de outro local.

A Este da atual povoação de Paredes, e contígua a esta, situa-se a Quinta do Bravo; local de importância capital para o estudo do povoamento romano na região, havendo vários vestígios arqueológicos exumados a assinalar; de entre eles:

Árula votiva com a seguinte inscrição<sup>7</sup> epigráfica:

**C·L·T·P**

**V·S**

que segundo Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira tem uma cronologia da segunda metade do Século I d.C. (ALMEIDA, FERREIRA: 1966).

Coluna honorífica encontrada na Horta de El Rey, mas que anteriormente deveria estar na Quinta do Bravo (FIGUEIREDO, 1895), com uma inscrição em honra do imperador Adriano:

**IMP·CAES·**

**DIVI·TRAIANI·PARTHI**

**CIF·NERVAE·NEPOS·TRA**

**IANUS·HADRIANUS·AUG·  
PONTIF·MAX·TRIB·POT·  
XVIII·COS·III·PP·REFECIT·**

Que terá sido feita provavelmente em 135 d.C. (ALMEIDA, 1968).

Pavimento no edifício que estava a servir de adega (FIGUEIREDO, 1895; ALMEIDA, 1968), que seria um mosaico (AZEVEDO, 1896).

Epígrafe funerária com a seguinte inscrição:

**G·IVLIVS·CAPITO·H·S·  
MAELA·LONGINIE·H·S·  
RVFVS·SILONIS·F·H·S·**

Provavelmente do século I d.C. (CABAÇO e JALHAY, 1934; PEREIRA, 1934).

Epígrafe funerária com a seguinte inscrição:

**Q·V  
TERENTIA  
CIA·MATER  
SIT·TIBI·TERRA·LEVIS**

Provavelmente do século I d.C. (PEREIRA, 1970).

Outra epígrafe funerária com a inscrição:

**D·M  
LABERIA·M·F·A  
MOEN·AN·XXXII  
H·S·E·Q·I·NERVA·M  
ARITUS·F·C**

Provavelmente terá uma datação do século I d.C., a letra representada é deste século (PEREIRA, 1970).

Espólio diverso: restos de ossos calcinados, cinzas, lucernas, campainha de bronze, moedas, vaso em forma de *dolium*, vaso e prato de *terra sigillata*, vasos ou taças de vidro, taça de barro com figuras mitológicas, unguentários, fíbulas, fivelas, fragmentos de objetos de bronze, etc. (CABAÇO e JALHAY, 1934; PEREIRA, 1970). Este imenso espólio, descoberto na Quinta do Bravo, faz-nos crer que este local é de uma importância capital para o estudo da ocupação romana em toda a região. Seria uma importante necrópole, com abundantes vestígios do século I d. C.; outros vestígios encontrados nesta quinta, nomeadamente o mosaico referido anteriormente, indicia que este espaço poderia fazer parte do antigo núcleo habitacional.

É de lamentar, que o grande número de construções efetuadas na Quinta do Bravo, já em pleno século XX<sup>8</sup> após as descobertas iniciais no ocaso do século XIX, não tenham sido precedidas de verdadeiras investigações científicas, que nos elucidassem sobre a verdadeira dimensão cultural deste importante assentamento arqueológico.

A ocupação romana do espaço concelhio pode ser dividida em dois períodos estruturantes, parece haver uma nítida diferença de estratégia na ocupação do espaço do período republicano para o período imperial. Os vestígios de período republicano que conhecemos

atualmente têm uma dispersão lata, não aparecendo na zona da atual vila de Alenquer e de Paredes. Os poucos que conhecemos, deste período, são de um sítio de altura com ocupação de longa diacronia: o castro de Ota, de onde foram exumados alguns denários de período republicano; e também noutros topónimos de fácil identificação mas não localizados: Pancas, onde foi achado importante tesouro de moedas de prata; e Pinhal do Alvarinho (freguesia de Triana), onde foi encontrado um tesouro, no princípio do século XX; este tesouro estaria na margem esquerda da estrada da Boa Viagem (“estrada da mala-posta<sup>9</sup>”), “quando três rapazes arrancavam um cepo de pinheiro, encontraram duas grandes taças de prata, parece que artisticamente cinzeladas, cheias de denários romanos, uns 12 a 14 litros pouco mais ou menos. Os rapazes destruíram as taças com os alviões e encheram os barretes com moedas, a que chamavam botões. A Marquesa de Castelo Melhor, proprietária do terreno, conseguiu obter parte das moedas mas a maior parte foi vendida em Alenquer a um ourives ambulante. Vi só três destas moedas. Eram da República e de 125 a.C.” (HIPÓLITO, 1960-61). Também Mário de Saa se refere a este achado dizendo que Hipólito Cabaço teria ficado com alguns destes denários do tempo da República (SAA, 1960).

Por sua vez, a ocupação do espaço durante o império romano, concentra-se essencialmente na zona de Paredes, de Alenquer, e nas suas imediações. Os vestígios romanos encontrados ao redor de Paredes são abundantes, como também são os encontrados no restante território do concelho, que se dispersam de uma forma muito mais intensa que no período anterior. É de notar que a presença temporal romana durante a república foi inferior à do império, e que neste último período o número de achados multiplica-se. Ao redor de Alenquer e Paredes os vestígios encontrados são os seguintes: Quinta da Barradinha (*villa?*) (ROGEIRO, 2005); Quinta de Santa Teresa (indeterminado) (ROGEIRO, 2005); igreja de Triana, epígrafe funerária (FIGUEIREDO, 1895); Vila Alta em Alenquer descoberta de moedas dos imperadores Trajano, Adriano e Antonino Pio, assim como vários vestígios na Torre de São Priscos e na Ermida da Sr.<sup>a</sup> do Carmo (HENRIQUES, 1902). Outros locais, mais longínquos, com vestígios romanos de período imperial são: Casal do Amaral (local de habitat? Necrópole?); Aldeia Gavinha duas epígrafes funerárias: Quinta do Caracol e Colos (MANTAS, 1982); também na Quinta da Margem da Arada em Olhalvo, uma epígrafe funerária (TEIXEIRA, SOUSA, 1927-28); Casal do Tufo (habitat?) (João Pereira, CNS – 1592)<sup>10</sup>, na igreja de Cadafais duas epígrafes funerárias (AZEVEDO, 1896); Aposento (*Villa?*) (Armando Sabrosa, Francisco Henriques, Guilherme Pereira, João Caninas; CNS – 2336); Quinta da Condessa, um possível local de habitat (ALARCÃO, 1988); Quinta de Santo António, um forno (Armando Sabrosa e Fernando Henriques, CNS 22963); Mouchão, uma ponte, referenciada por Jorge de Alarcão (ALARCÃO, 1988). Também há referências de vestígios de período indeterminado em Villa Vedra (Paredes), nas memórias paroquiais de 1758 pode-se ler: “(...)no sítio chamado antigamente Vila Vedra, e hoje Paredes há umas grossas muralhas antiquíssimas, que havia por tradição serem princípio de povoação (...) desentulhando-se há poucos anos as ditas muralhas se viu que dentro delas ia uma “caicha” ou cano com uma adufa, no fim tudo de cantaria bem lavrada, que notoriamente mostrava ser conduta de águas que parece daí se encaminharia para o edifício que hoje é a quinta de Santo André, vulgarmente Bravo” (Padre Pedro da Silveira, 1758 *in* AZEVEDO, 1896); sobre este local também temos uma informação de Guilherme Henriques que escreveu o seguinte: “Nas escrituras antigas figura como “lugar de Vila Vedra” pela tradição de ter aqui havido uma povoação romana, tradição que teve origem de umas paredes antiquíssimas que os antigos julgavam ruínas de um castelo, mas que hoje são conhecidas como vestígios de

um aqueduto que levava água à quinta do Bravo” (HENRIQUES, 1873a); também Luciano Ribeiro se refere a Paredes: “teve já Cavaleiro de Sousa conhecimento de um depósito de águas existente no lugar denominado Paredes” (Augusto Cavaleiro de Sousa *in* RIBEIRO, 1999: 30). As informações que se podem retirar destes textos são bastante importantes, não sabemos se os dados referidos pelos autores foram observados diretamente, ou, se a partir do texto do Padre Pedro da Silveira foram inferidos dados pelos autores mas, importa realçar, a inferência destes sobre a existência de uma estrutura hidráulica; é de referir que estas “murallas antiquíssimas” não estão georreferenciadas, nem são visíveis no terreno nenhuma estruturas que possam ser identificadas como aqueduto ou depósito de água.

Importa referir que, a maior parte da epigrafia existente no território é do século I a. C. em diante (DIAS, MOTA, GASPAR, 2001), o que nos leva a inferir, que foi a partir deste período que se intensificou a romanização. As epígrafes de cidadãos pertencentes à tribo Galéria, que era a tribo dos cidadãos de *Olisipo*, podem-nos indicar que este local poderia pertencer à *civitas* de *Olisipo*. Uma observação espacial permite localizar algumas manchas de ocupação bastante intensas. A primeira é na zona da atual Alenquer e de Paredes, onde os vestígios são abundantes mais a Sul, ao longo da planície fértil em direção ao rio Tejo, também se observa uma grande mancha de ocupação, com dispersão entre Alenquer, Carregado e Cadafais e há alguns vestígios mais dispersos no território, como são o caso de Casal do Amaral, Aldeia Gavinha e Olhalvo.

## Investigações recentes

Nos últimos anos tenho efetuado algumas investigações em Paredes e ao seu redor, no tempo livre e motivado por razões afetivas, porque na prática tenho desenvolvido a minha atividade profissional noutras regiões.

Estas investigações têm recorrido: à observação do terreno, de forma limitada, até porque a urbanização da área e a vedação de algumas propriedades não permitem que se obtenha dados satisfatórios; às fontes documentais, que também não são abundantes; aos testemunhos orais, porque ainda existem pessoas vivas do tempo da escavação da necrópole da Quinta do Bravo; à observação por fotografia aérea e imagens por satélite, hoje em dia de acesso bastante facilitado.

As imagens de altitude permitem-nos através da fotointerpretação prospetar formas arqueológicas já soterradas (formas fósseis), estas formas concentram junto a si quantidades de humidade, mais elevada do que a que se encontra ao seu redor, provocando uma coloração diferente da terra que a sobrepõe, ficando a terra como uma espécie de “negativo” da forma da materialidade arqueológica, tornando-a visível em tonalidades diferentes. Também nos apoia-mos em métodos utilizados pela arqueogeografia<sup>11</sup>, uma disciplina que estuda o espaço geográfico e as formas arqueológicas nele existentes, recorrendo à fotointerpretação e ao cruzamento de dados com outras disciplinas científicas, para perceber a ocupação do espaço pelo Homem, ao longo dos tempos. Como resultado, têm sido revelados alguns vestígios arqueológicos, uns de período romano, outros que não serão, mas todos ilustram a forma como tenho tentado perceber a ocupação do espaço neste território. São várias as estruturas encontradas, e algumas não sabemos interpretar, mas é urgente divulgá-las, porque, efetivamente, devido ao desconhecimento sobre a sua existência, são as que mais riscos correm de destruição.

1 – Via antiga, situada perto de Casal Vale de Reis, freguesia de Santana da Carnota (com as seguintes coordenadas U.T.M. 29SMD927220, altitude 230 metros. C.M.P. Escala 1/25 000, folha 375, S.C.E. 1992). Nesta via são visíveis vários troços de lajeado, numa distância de perto de um quilómetro de comprimento. Também se verifica a existência de margens em pedra em vários troços da sua extensão. As margens são visíveis dos dois lados da via, mas não há nenhum local onde sejam visíveis simultaneamente dos dois lados, isto é, paralelamente. Onde isto se poderá verificar, a terra cobre as margens, como tal, uma medição exata da largura desta via é impossível de efetuar neste momento. Numa medição que efetuei no dia 06/06/2008, e que sofreu das condicionantes referidas anteriormente, foi possível verificar que a via pode ter uma largura de cerca de 4,73 metros, uma medida que seria muito aproximada aos 16 pés romanos. Pelo descrito anteriormente podemos estar na presença de uma via de período romano. Há que referir que, no acervo do Museu Municipal de Alenquer – Hipólito Cabaço, existem fichas de fotografias pertencentes ao espólio deste arqueólogo, e numa delas pode-se observar a via descrita. Esta, que se desenvolve no sentido SW – NE, está atualmente incluída num percurso entre os Casais da Cruz do Vento e a Pipa. Esta pertenceria sem dúvida a um trajeto mais extenso, talvez se dirija pela sua orientação para o litoral Sul da Estremadura. É possível que derivasse da via entre *Olisipo* e *Conimbriga* próximo do litoral, esta via teria passagens nas proximidades de Frielas, Loures, Dois Portos, Torres Vedras e Óbidos (MANTAS, 1987; MANTAS, 2002). Uma via secundária que partia da via *Olisipo-Conimbriga*, possivelmente nas proximidades de Dois Portos, e que faria a ligação entre esta via principal e a atual Alenquer. É de referir que a boa construção (ou reconstrução) que aparenta (o seu estado de conservação atual é bastante razoável), indica-nos que terá tido alguma importância estratégica, em algum momento da sua utilização.

2 – Grande estrutura, antiga e ainda visível, situada na Rua das Fontes e na Travessa da Torre em Paredes, freguesia de Santo Estêvão (com as seguintes coordenadas U.T.M. 29SMD998221, altitude 60 metros. C.M.P. Escala 1/25 000, folha 376 S. C. E. 1992). É construída em silharia ligada por *opus caementicium*, tem 10 pés romanos de largura – 3 no parapeito exterior, 2 no parapeito interior, e 5 pés entre os dois parapeitos. Apresenta várias pedras almofadadas no seu exterior, no interior é visível o arranque de uma estrutura já destruída (possivelmente um arco). É atravessada no seu interior por uma espécie de aqueduto, ou canalização de uma linha de água, junto a este aqueduto é visível uma parte do muro revestido a *opus signinum*. Podemos estar na presença da estrutura identificada pelo padre Pedro da Silveira nas *memórias paroquiais* de 1758 (AZEVEDO, 1896: 180). Importa referir que pela sua metrologia e materiais de construção utilizados, estamos indubitavelmente na presença de uma estrutura de período romano, possivelmente o paredão de uma pequena barragem, e que esta se encontra em razoável estado de conservação. Pelas suas características e raridade pensamos que seria urgente classificar esta estrutura, de forma a ficar convenientemente protegida, no meio do caos urbanístico que a rodeia.

3 – Uma rosácea hexapétala, esta pedra decorada, que apareceu quando se procediam a obras de restauro numa casa localizada na Calçada Francisco Carmo (na “Vila Alta de Alenquer”), atualmente encontra-se na fachada da mesma habitação, tendo sido aí colocada pelo proprietário desta, aquando do referido restauro. Apresenta poucas semelhanças decorativas com a rosácea existente na pedra tumular encontrada na Quinta do Caracol (MANTAS, 1982: 79), sendo a sua decoração bastante tosca em relação a essa. As seme-

lhanças entre as duas reduzem-se ao elemento decorativo, e não podemos atribuir uma cronologia semelhante entre as duas. As rosáceas são normalmente interpretadas como símbolos solares. São elementos decorativos vulgares na arte indígena peninsular. E aparecem bastante representados na iconografia funerária do setor céltico ou celtizado da população hispânica. Também são elementos decorativos habituais nos mosaicos do Alto Império, nomeadamente nos mosaicos herodianos da Palestina, assim como, na decoração funerária hebraica do século I (MANTAS, 1982: 82). A grande difusão geográfica e cronológica destes elementos decorativos, não nos permitem atribuir-lhes uma origem e significado culturais precisos. Se não podemos confirmar, também não podemos descartar a sua possível origem romana.

4 – Travessa das termas romanas, junto à igreja de Triana em Alenquer. Este topónimo é bastante antigo<sup>12</sup>, e neste local existe uma fonte de abastecimento público. Nos anos 90 do século XX, foi construído na Rua de Triana – junto deste local – um prédio sem que houvesse acompanhamento arqueológico, como tal, nenhuma informação arqueológica foi obtida com esta obra. Anteriormente, nos anos 60 do mesmo século, no local de uma antiga adega, foi construído um edifício pertença do comerciante Augusto Lopes, o seu filho o Sr. José Eduardo Lopes<sup>13</sup>, que ainda se lembra do momento da construção, informou-me que haveria neste local e até a cota de afetação da obra, três unidades estratigráficas perfeitamente diferenciadas, sendo uma delas composta por uma “calçada em pedra preta”. E não se observou nesse momento qualquer vestígio romano<sup>14</sup>. Tenho de realçar a proximidade deste local à Igreja de Triana e à epígrafe aí encontrada; a escavação efetuada pode não ter atingido uma profundidade suficiente para afetar as possíveis estruturas, que de qualquer forma – a haver – estariam soterradas pelas frequentes cheias do Rio de Alenquer.

5 – Na zona de aluviões do Tejo, mais especificamente na zona entre Paredes e a estrada real, construída no reinado de D. Maria I, podemos observar algumas formas fósseis que são estruturas desaparecidas, enterradas e, que reaparecem, devido a algumas condições particulares do terreno e à ação dos arqueólogos, por exemplo: a fotointerpretação<sup>15</sup>, ou a prospeção no terreno. Este tipo de estruturas não são facilmente observadas por prospeção no campo, mas revelam-se a partir de alterações na coloração dos solos, visíveis a partir das fotografias<sup>16</sup> de altitude. É a concentração de humidade junto a estas, que proporciona uma cor diferente da terra, que, algumas vezes permite, em determinadas condições de visibilidade obtidas nas fotografias, que estas estruturas sejam visíveis em planta de uma forma bastante nítida.

5.1. – A primeira estrutura que vou descrever, está soterrada pelos cíclicos aluviões provenientes do Rio Tejo, que fizeram subir a cota dos terrenos em alguns metros, e a terão coberto em determinado período (só apreensível com sondagens arqueológicas), não se sabendo a que profundidade se encontra. Esta é observável perto do Casal do Reguengo, tem cerca de 38 metros de largura e um comprimento de cerca de 211 metros (localiza-se nas seguintes coordenadas U.T.M. 29SND009225, altitude 13 metros. C.M.P. Escala 1/25000, folha 376, S.C.E. 1992). A sua planta é bastante semelhante a um circo romano, é observável um traço oblíquo onde poderiam ser as boxes ou cárceres (local de partida dos carros), e também uma estrutura central no comprimento desta, e que mede aproximadamente 132 metros, que poderá ser a *spina* (estrutura estreita e elevada, construída em pedra<sup>17</sup>, com marcos nas suas extremidades, e a partir da qual se organizava o circuito das corridas); estas estruturas normalmente tinham bancadas (*cavea*) porque o espetáculo e as instalações eram concebidas para o espectador, normalmente seriam cons-

truídas próximas dos aglomerados urbanos. As suas dimensões são semelhantes a alguns hipódromos do mundo romano, locais de lazer onde as corridas de cavalos – bastante apreciadas neste período – eram efetuadas. Também nesta região do império as corridas deveriam ter muitos adeptos: as éguas da Lusitânia eram muito apreciadas pela sua velocidade, e “muitos Hispânicos devem ter brilhado neste desporto; não será por acaso que a inscrição mais longa e mais explícita que possuímos da carreira de um corredor, é de *C. Appuleius Dioclés* (de nação *Hispanus Lusitanus*), datada da primeira metade do século II d.C. Nas províncias Hispânicas, diversos indícios testemunham não só o hábito dos *ludi circenses* (atividades praticadas nos circos) mas também o esforço pelas comunidades urbanas de se dotarem de circos monumentais” (GROS, 1996).

5.2. – Na Quinta dos Quartos também é visível uma grande estrutura fósil (localiza-se nas seguintes coordenadas U.T.M. 29SND023225, altitude 10 metros. C.M.P. Escala 1/25000, folha 376, S.C.E. 1992). Esta Quinta fica contígua à Quinta da Barradinha, para Norte desta, separa-as menos de 200 metros e um ribeiro – a Vala Nova. Escreveu Bento Pereira do Carmo sobre a quinta da Barradinha: “Pela parte superior desta quinta encontram-se espalhadas muitas pedras, quando o sítio não as dá, alguns lanços de parede subterrâneos, e grandíssima quantidade de telhas e tijolos de tamanho descomunal, alguns menos quebrados têm sido postos de reserva, como raridade; os entulhos (que assim lhe podemos chamar) continuam na mesma direção até ao Casal da Telhada.” (Bento Pereira do Carmo *in* ROGEIRO, 2005) Não sabemos de que períodos serão os chamados “entulhos”, mas é possível observar em fotografia<sup>18</sup> antiga anexa, uma quantidade apreciável de elementos arquitetónicos, os quais não nos podem induzir uma datação. A dispersão dos materiais pode ser grande, da “parte superior desta quinta”<sup>19</sup> até ao “Casal da Telhada” (Bento Pereira do Carmo *in* ROGEIRO, 2005), topónimo situado a cerca de 1100 metros para Sudeste da Quinta da Barradinha. Pelos vestígios descritos poderemos estar na presença de uma grande estrutura na Barradinha, mas a forma fósil observada por fotografia aérea situa-se na Quinta dos Quartos, a 200 metros a Norte desta. Poderemos estar na presença de duas grandes estruturas, ou a estrutura romana estar situada na Quinta dos Quartos, e os seus elementos arquitetónicos terem sido transportados para a Quinta da Barradinha, que se situava logo ao lado e os materiais de construção desta estrutura – e também de outras que se poderiam situar nas proximidades – se dispersarem até ao Casal da Telhada.

Na Quinta dos Quartos pode-se observar uma grande estrutura de forma retangular com aproximadamente 130 metros de comprimento e 40 metros de largura, que parece ocupar um lugar central nesta miríade de formas – que presumo de cronologias diferentes. A Sul, mas contígua a esta, podemos observar uma forma fósil em abside, com uma planta semelhante a alguns balneários romanos de *villae* já escavadas no território português. Entre estas duas estruturas corre um pequeno ribeiro, neste local a falta de água não seria um elemento a obstar a construção de um balneário. A grande estrutura central pode corresponder à *pars urbana*, e algumas das estruturas visíveis ao seu redor à *pars rústica*. Parece ser visível nesta estrutura uma espécie de pátio central, poderemos estar na presença de uma grande *villa* com peristilo. A presença de uma estrutura deste tipo, possivelmente ligada à exploração agrícola, não causa estranheza, é bem evidente a riqueza dos solos desta zona aluvionar.

5.3. – A terceira forma fósil que também é observada por fotografia aérea, localiza-se a cerca de 200 metros para Sul da Quinta do Lagar Novo, nas coordenadas U.T.M. 29SND014225, a uma altitude de 12 metros (Carta Militar de Portugal, escala 1:25000,



folha 376 – Alenquer, 1992, Serviço Cartográfico do Exército). A forma observada tem uma morfologia de círculo incompleto com um perímetro de cerca de 250° – interrompido a Norte, e mede cerca de 48 metros de diâmetro, situa-se a cerca de 285 metros para Este de outra forma fósil a que já fiz referência – no casal do Reguengo (COSTA, 2008), e a cerca de 900 metros para Oeste da Quinta dos Quartos. Ainda não temos uma interpretação para esta forma fósil, mas pensamos que com algumas sondagens arqueológicas poderíamos determinar a sua função e cronologia.

Seria sem dúvida de todo o interesse que se pudessem efetuar escavações arqueológicas cientificamente conduzidas nestas estruturas, de forma a podermos datá-las, e a aproveitar o seu potencial científico, pedagógico, turístico, etc. Porque se as estruturas mencionadas pertencerem ao período romano, estamos na presença de um aglomerado populacional importante. E como escreveu Jorge de Alarcão, que: “apesar de a densidade de achados na região de Alenquer sugerir um núcleo urbano importante, nada, até agora, nos permite supor aqui uma cidade capital” (ALARCÃO, 1988: 48). No caso de estarmos na presença de um *Vicus*, temos de mudar a nossa perspetiva, de que só em cidades se construiriam estas grandes estruturas de lazer, porque estas também poderiam surgir em aglomerações urbanas secundárias. Se chegar-mos à conclusão que estas grandes estruturas só existiriam em cidades então em Alenquer não existiu um *Vicus* romano, mas sim uma cidade romana.

Se Ierabriga seria em Paredes – Alenquer, em Povos, ou noutra local, não o sabemos, e provavelmente nunca iremos encontrar uma epígrafe com este nome gravado, de forma a não termos dúvidas sobre a localização deste local de ocupação romana. E, enquanto o poder político alenquerense continuar a ignorar o seu património, também não avançaremos no caminho de preservar e divulgar este importante legado cultural: a uns – os muitos que habitam na região, e aos outros – os poucos que atualmente a visitam. Mas o avançar do conhecimento sobre a história e sobre o património cultural e natural, é sem dúvida o caminho a seguir, só desta forma o poderemos preservar e divulgar. É este o caminho a seguir, numa sociedade que se pretende desenvolvida de forma sustentável, e que é urgente desenvolver.



Fotografia 1  
Via antiga próxima  
do Casal Vale de Reis.



Fotografia 2  
Idem, pormenor  
das margens.

Fotografia 3  
Estrutura da Rua das  
Fontes pormenor  
do *opus signinum*.



Fotografia 4  
Estrutura da Rua das  
Fontes, vista geral.

Fotografia 5  
Rosácea hexapétala.



Fotografia 6  
Estrutura do Casal  
do Reguengo.

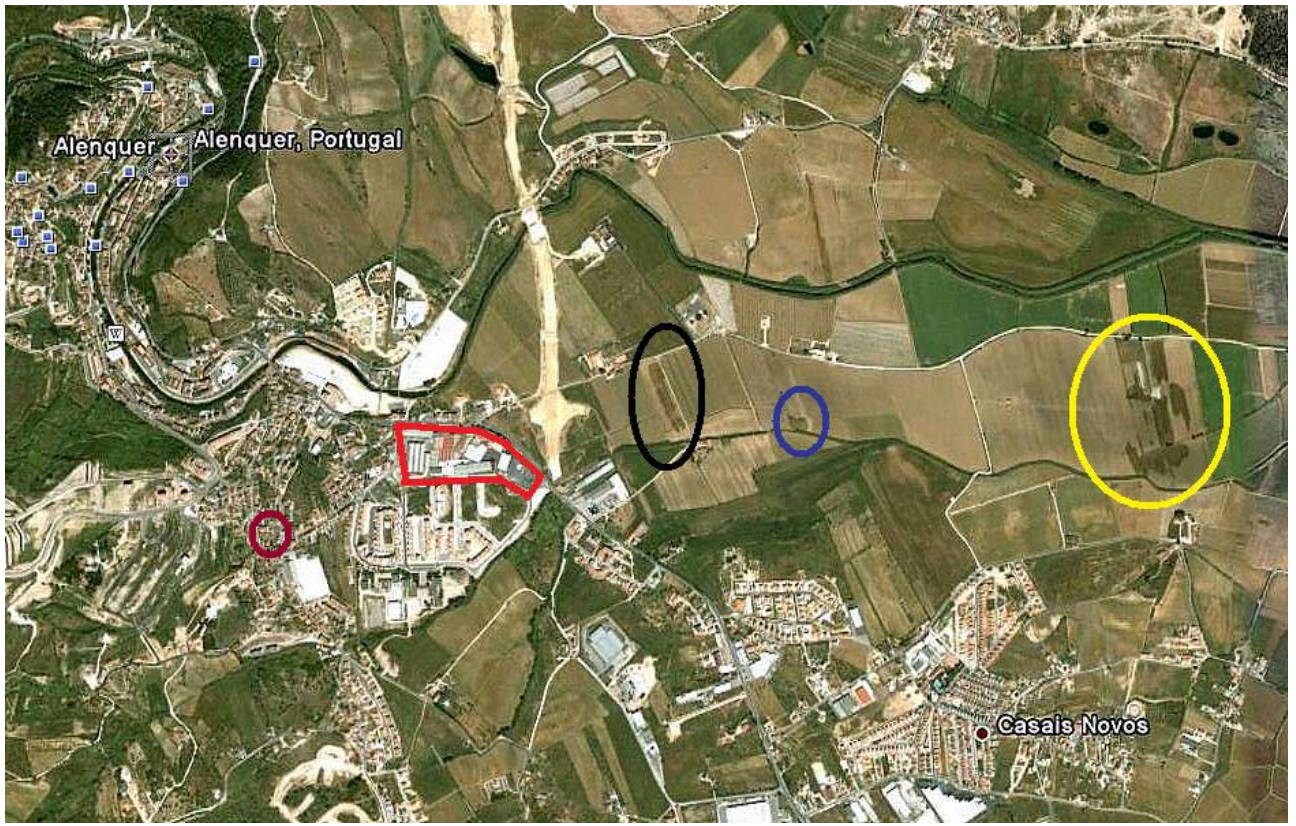
Fotografia 7  
Estrutura da Quinta  
dos Quartos.



Fotografia 8  
Fotografia antiga da  
Quinta da Barradinha.



Fotografia 9  
Estrutura da Quinta  
do Lagar Novo.



#### Fotografia 10

Vista geral de Paredes e arredores. A vermelho: Quinta do Bravo, a castanho: estrutura da Rua das Fontes, a preto: estrutura do Casal do Reguengo, a azul: estrutura da Quinta do Lagar Novo, e a amarelo: estrutura da Quinta dos Quartos.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1988)** – *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins. Publicações Europa-América.
- ALARCÃO, J. de (2004)** – *Introdução ao estudo da Tecnologia Romana*. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, J. de (2005)** – Notas de arqueologia epigrafia e toponímia – III. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 8. Número 2. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia, pp. 293-312.
- ALARCÃO, J. de (2006)** – As vias romanas de *Olisipo a Augusta Emérta*. *Conimbriga*. Volume XLV. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 211-251.
- ALMEIDA, J. M. de (1968)** – Antiguidades várias. *O Archeólogo Português*, Série III. Volume II. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 107-108.
- ALMEIDA, J. M. e FERREIRA, F. B. (1966)** – Varia ephigraphica (Nova Série) – VIII Uma Árvula de Alenquer. *Revista de Guimarães*. Volume LXXVI. Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães, pp. 25-26.
- ANDRADE, M. (1963)** – Secção de Arqueologia. In: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Série 81.ª, n.ºs 7-9 e 10 e 12, julho – setembro e outubro – dezembro. Lisboa. Sociedade de Geografia de Lisboa, p.36.
- ANDRADE, M. (1973)** – Atividades da Sociedade de Geografia de Lisboa. In: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Série 91.ª, n.ºs 1-3 e 4-6, janeiro – março e abril – junho. Lisboa. Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 10.
- AZEVEDO, P. (1986)** – Extratos archeologicos das “Memorias Parochiaes de 1758. *O Archeólogo Português*. Volume II. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 179-180.
- CABAÇO, H. e JALHAY, E. (1934)** – Estela Funerária de Alenquer. *Revista de Arqueologia*. T. II. Fasc. IV. Lisboa, pp. 110-113.
- CHOUQUER, G. (2000)** – *L'étude des Paysages. Essai sur leurs formes et leur histoire*. Paris. Éditions Errance.
- CHOUQUER, G. (2007)** – *Quels scénarios pour l'histoire du paysage? Orientations de recherche pour l'archéogéographie*. Coimbra e Porto. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.
- CHOUQUER, G., e FAVORY, F. (1991)** – *Les paysages de l'antiquité – Terres et cadastres de l'Occident romain (IV s. avant J.-C. / III s. après J.-C.)*. Paris. Editions Errance.
- COSTA, M. (2007)** – Ainda haverá uma muralha do período Romano “nas Paredes? *Nova Verdade*. N.º 755. Alenquer. 15 de outubro de 2007, p. 7.
- COSTA, M. (2008)** – Há 2000 anos já se faziam corridas de carros em Alenquer. *Nova Verdade*. N.º 761. Alenquer. 15 de janeiro de 2008, p. 10.
- CHURCHIN, L. (2007)** – Toponyms of Lusitania: A reassessment of their origins. *Conimbriga*. Volume XLVI. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 129-160.
- DIAS, M. M. e GASPAR, C. (2001)** – *Epigrafia Latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer)* [Epigrafia do Território Português I]. Lisboa. Centro de Estudos Clássicos / Faculdade de Letras de Lisboa.
- FIGUEIREDO, A. M. (1895)** – Informações archeologicas colhidas no “Diccionario Geographico” de Cardoso. *O Archeólogo Português*. Volume I. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 157-158.
- FREITAS, C. e ANDRADE, C. (1998)** – Evolução do litoral português nos últimos 5000 anos. In: *al-madam*. II Série. N.º 7. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, pp. 64-70.
- GOMES, J. e PONTE, S. da (1984)** – Três bronzes Romanos da região de Alenquer. *Conimbriga*. Volume XXIII. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 99-101.
- GROS, P. (1996-2000)** – *L'architecture romaine: du début du III siècle av. J.-C. À la fin du Haut-Empire*. Paris. Éditions Picard.
- HENRIQUES, G. (1873a)** – *Alenquer e seu Concelho*. Arruda Editora. Fac-símile da edição de 1873.
- HENRIQUES, G. (1873b)** – *AVila de Alenquer*. Arruda editora. Fac-símile da edição de 1873.
- HIPÓLITO, M. de C. (1960-61)** – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*. 2-3. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 1-166.
- MANTAS, V. G. (1982)** – Inscrições Romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. XXI. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 5-99.
- MANTAS, V. G. (1996a)** – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. 2 Vol. Coimbra. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MANTAS, V. G. (1996b)** – In: memoria Felix Alves Pereira Arqueologia e teledeteção. In *al-madan*. IIª série. N.º 5. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, p. 62-69.

- MANTAS, V. G. (1999)** – Cidades e história económica na área de influência da estrada *Olisipo-Bracara*. *Anexos Aespa*. XX. Madrid. Centro de Estudios Históricos, p. 279-298.
- MANTAS, V. G. (2002)** – A população da Região de Torres Vedras na Época Romana. *Turres Veteras IV: Atas de Pré-História e História Antiga*. Torres Vedras. Câmara Municipal de Torres Vedras, p. 129-141.
- MELO, A. O.; GUAPO, A. R.; MARTINS, J. E. (1987)** – *O Concelho de Alenquer – Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*. 4 Volumes. Alenquer. Comissão Municipal da Feira da Ascensão de Alenquer/ Associação para o estudo e defesa do património de Alenquer.
- MULLER, W. e VOGEL, G. (1984-85)** – *Atlas de arquitetura 1. Generalidades. De Mesopotamia a Bizancio*. Madrid. Alianza Editorial.
- PEREIRA, F. A.** – Excursão a Alenquer. *Revista de Arqueologia*. Tomo II. Lisboa, p. 129-135.
- PEREIRA, M. A. H. (1970a)** – Hipólito Cabaço. *Revista de Arqueologia*. 9ª Série. Vol. II. Lisboa, p. 7-26.
- PEREIRA, M. A. H. (1970b)** – O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Pardes – Alenquer. *Conímbriga*. IX. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- RIBEIRO, L. (1999)** – *Alenquer – subsídios para a sua história*. Alenquer. Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Alenquer. Texto em fac-símile da edição de 1936.
- ROGEIRO, F. S. (2005)** – *Alenquer: Presépio de Portugal*. Mem-Martins. Ferraz & Azevedo.
- RUA, H. (2007)** – Detecção Automática de *Villae* em Meio Rural no Portugal Romano. In *al-madam*. IIª Série. N.º 15. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, p. 21-27.
- SAA, M. (1960)** – *As grandes vias da Lusitânia*. Tomo III. Lisboa.
- TEIXEIRA, F. G e SOUSA, J. C. de** – Inscrições Romanas do Museu do Carmo. *Arqueologia e História*. Volume VI. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 18.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Arqueólogo, mestrando em arqueologia e território na Universidade de Coimbra – cipriano1969@hotmail.com
- <sup>2</sup> Entendido como território administrativo de época contemporânea, sem nenhuma correspondência com a ocupação do espaço em período romano.
- <sup>3</sup> Desconhecemos a possibilidade deste rio ser navegável, neste trajeto, em período romano.
- <sup>4</sup> Ordem pela qual a via aparece no referido itinerário.
- <sup>5</sup> *Idem*.
- <sup>6</sup> Investigadores da Universidade de Coimbra.
- <sup>7</sup> Na apresentação das epígrafes, optou-se por apresentar a leitura efetuada pelos autores que as estudaram.
- <sup>8</sup> A última efetuada no ano de 2008, que só teve acompanhamento arqueológico depois da escavação efetuada, e após denúncia.
- <sup>9</sup> Nome pela qual é conhecida atualmente na região, a antiga estrada real.
- <sup>10</sup> Referência da base de dados do Instituto Português de Arqueologia – Endovélico, disponível em: [www.ipa.min-cultura.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt).
- <sup>11</sup> Sobre arqueogeografia consultar a bibliografia citada de Gérard Chouquer.
- <sup>12</sup> Seria interessante investigar a origem deste topónimo.
- <sup>13</sup> A que agradecemos a informação gentilmente prestada.
- <sup>14</sup> Apesar da excelente memória do Sr. José Eduardo Lopes, há que referir que não é um especialista em estratigrafia nem em arqueologia, como tal, a informação que gentilmente disponibilizou pode estar deturpada.
- <sup>15</sup> A fotointerpretação é uma forma de prospeção que se baseia na análise de fotografias aéreas.
- <sup>16</sup> Agradeço à Câmara Municipal de Alenquer a cedência de fotografias aéreas que permitiram a elaboração deste trabalho.
- <sup>17</sup> Em África eram frequentemente construídas em terra.
- <sup>18</sup> Gentilmente cedida pelo Dr. Filipe Rogeiro, a quem agradeço.
- <sup>19</sup> Bento Pereira do Carmo deve estar a referir-se à Quinta da Barradinha.